

AS FIGURAS DA INTERSUBJECTIVIDADE EM HUSSERL

Maria Manuela Brito Martins

Universidade Católica Portuguesa – Porto

O objectivo deste artigo é apresentar a teoria da intersubjectividade no pensamento de Husserl, em particular, nalguns textos da sua obra póstuma *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, (Hua Bd. 13).¹ Iremos fazer uma leitura muito próxima dos textos husserlianos que abordam a constituição intersubjectiva do *alter ego*, tendo em conta dois vectores fundamentais: a primordialidade e a analogização. Esta delimitação temática está subordinada ao trabalho de organização e de sistematização efectuada por Nathalie Depraz, que realizou a maior parte da tradução em língua francesa dos três volumes da Husserliana consagrados à problemática da intersubjectividade.

Para além disso, aceitaremos a divisão cronológica efectuada por Iso Kern, na edição alemã, na medida em que nos ajuda a compreender o processo de formação da reflexão husserliana, desde o primeiro período até à última fase do seu pensamento. Na verdade, a divisão cronológica e a organização sistemática deste imenso *corpus*, que trespassa toda a obra de Husserl, poderão conjugar-se para uma melhor explicitação não só a génese do seu pensamento, como também para um melhor aprofundamento das temáticas subsidiárias que estão intimamente relacionadas com a intersubjectividade. O cruzamento entre a metodologia analítica, diacrónica e genética, por um lado, e a sistemática e compreensiva, por outro, mostram claramente o quanto a intersubjectividade se expandiu *ab initio*, ao longo de toda a reflexão fenomenológica, e, para além dela, quais as temáticas mais marcantes que a determinam a cada etapa.

¹ Este trabalho que aqui apresentamos é um estudo mais desenvolvido de uma comunicação apresentada em Agosto de 2004, em Oxford, no *Third World Congress of Phenomenology*, organizado pelo World Institute for Advanced Phenomenological Research and Learning. Agradecemos ao prof. Pedro Alves as suas sugestões, para a elaboração deste artigo bem como, a disponibilidade para a sua publicação.

Na verdade, o lugar do “outro” na reflexão filosófica de todos os tempos foi sempre problemática. As razões desta posição prendem-se essencialmente com facto de que o “outro” ocupa o lugar privilegiado da mediação e, além disso, o da excepção e mesmo o da surpresa. Pode muito bem ser uma das temáticas mais dignas de ser denominada como o *κατ' ἐξοχήν* da filosofia. O lugar do “outro” é o lugar da distância, o do “ali”, e, por isso, aquele que não ocupa o meu lugar “aqui”. O corpo de carne do outro ocupa o lugar “lá em baixo” (*Dort*), embora este seja análogo ao meu. É por esta razão mesmo que a “apreensão compreensiva do outro” requer constantemente o trânsito entre a percepção exterior, a apercepção do corpo vivo estrangeiro e, finalmente, a interioridade reflexiva da alteridade. Declara Husserl, “a apreensão do corpo é uma transição”.² O corpo é o lugar das sucessivas mediações e transições necessárias para se compreender o sujeito pessoal e empírico.

Como refere J.-F. Courtine, “o acesso ao outro como tal – como *ego*, assim como corpo-de-carne (*Leib*), unidade psicofísica – não é jamais, portanto, imediata ou directa; só se dá mediatizado, o que não significa, contudo, que o outro só se revela ou só se dá (se ele se dá) no termo de um raciocínio ou de uma projecção (*Einfühlung*). Qual será, portanto, a natureza específica da evidência do outro?”.³ Tal é a questão premente colocada por Husserl, e isto no seio da constituição da sua fenomenologia transcendental. Segundo Nathalie Depraz, a experiência do outro coloca em evidência uma aporética entre uma consciência egológica, enquanto ponto de partida da fenomenologia transcendental, e a experiência do outro como tal, por isso, não egológica. Esta aporia está patente claramente na quinta meditação cartesiana, quando Husserl expõe de forma evidente a maior objecção à constituição de um teoria transcendental do *ego*, a do seu *solipsismo* transcendental, a que parece desembocar a análise fenomenológica. O ponto de partida egológico é um sério entrave a uma verdadeira experiência do outro. Todavia, para Husserl, o *ego* transcendental não é unicamente um *solus ipse*, na medida em que ele é corroborado, por um lado, pelo seu carácter de necessidade objectiva, enquanto garante da constituição do mundo natural,⁴ e, por outro, porque o seu ser é constitutivo de uma relação intrínseca com o *alter ego*. É por isso que, no seio da própria constituição da intencionalidade, se atesta (*Ausweisung*) a possibilidade da experiência do outro. Com efeito, o *alter ego* deverá por si mesmo poder justificar a exigência deste *ego* no

² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*. Erster Teil: 1905-1920. Bd. XIII. Herausgegeben von Iso Kern. Martinus Nijhoff, 1973, p. 339.

³ J.-F. Courtine, “L’être et l’autre. Analogie et intersubjectivité chez Husserl, in *Etudes philosophiques*, 1989, n° 3-4, p.507

⁴ E. Husserl, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, Bd. 1. Ed. S. Strasser. The Hague, Martinus Nijhoff, 1963, § 58, p. 161.

mundo objectivo, ou seja, com outros egos.⁵ Para E. Fink, a preocupação com que Husserl, na quinta meditação, expõe a temática da intropatia não se deve a um real interesse por esta, mas, ao contrário, à intenção de desenvolver a sua concepção de redução transcendental. Iso Kern, por seu lado, considera que Husserl, na quinta meditação, ultrapassa o ponto de vista solipsista, mas teria unicamente procedido a uma explicitação da esfera primordial, no seu fundamento e na sua motivação constituinte.⁶ Porém, Husserl é suficientemente claro quando afirma que a constituição do outro, ou dos outros em geral, se sobrepõe ao mundo primordial, ou seja, ao fenómeno de um mundo objectivo, quer do outro eu enquanto tal, quer do meu próprio eu que é excluído do eu concreto e primordial. Desta forma, surge a constituição de uma nova esfera que é a esfera intersubjectiva de um mundo comum.⁷

É no sentido de perscrutarmos a concepção husserliana da intersubjectividade em textos anteriores às *Meditações Cartesianas* – em particular em textos do período que vai de 1909 até 1916 – que queremos verificar em que medida se justifica ou não uma aporia entre o primado egológico e o primado da experiência do outro.⁸ Ou, ao contrário, se, na verdade, esta aporia é somente aparente e se revela como fundamental para toda uma dinâmica entre, por uma lado, a constituição do eu e, por outro, a apreensão compreensiva do outro.

1. A *Einfühlung*

No texto *Einfühlung*, de 1909 (texto nº3), mas que foi, numa parte das cópias, reelaborado posteriormente, Husserl desenvolve o conceito de *Einfühlung* a partir da ideia de “primordialidade”. Distingue dois modos fundamentais de apercepção (*Apperzeption*): as percepções (*Wahrnehmungen*), como captações por apreensão (*apprehendierende Auffassungen*), e as percepções de carne (*Wahrnehmungen von Leibern*); por outras palavras, Husserl distingue percepções corporais (*Körperwahrnehmung*) e percepções

⁵ E. Husserl, *Ideen III*, p. 114; Cf. *Ideen I*, p. 100; *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, Bd. 1. Herausgegeben. S. Strasser. The Hague, Martinus Nijhoff, 1963, § 55, p. 149. Morujão, “O problema da intersubjectividade na fenomenologia de Husserl”, in *Revista Portuguesa de filosofia*, vol. 41, 1985, nº 4, pp. 345-368.

⁶ Cf. N. Depraz, in “Introduction”. E. Husserl, *Sur l’intersubjectivité I*. Traduction, introduction postface et index. Paris, Presses Universitaires de France, 2001, p. 18.

⁷ E. Husserl, M. C., § 49.

⁸ Como refere N. Depraz, *Transcendance et incarnation. Le statut de l’intersubjectivité comme altérité à soi chez Husserl*. Préface de R. Bernet, Paris, Librairie philosophique J. Vrin, 1995, p. 146: “Dés 1909, Husserl est en quête d’une autre idée de l’*Einfühlung*, comme aperception médiate parce que non-originale ou originelle – seule l’expérience de ma chair l’est –, mais pourtant original, et relevant à ce titre de la perception. Dans les années 1914-1915, l’expérience de l’autre implique clairement une médiation et se désolidarise ainsi de la conception lipsienne”.

de carne (*Leibwahrnehmung*) que, sendo estas, ao mesmo tempo, apreensões de corpos, designam, igualmente, percepções de pessoas. As primeiras dizem respeito às coisas materiais e aos corpos espaciais que nos são dados. As segundas dizem respeito aos corpos animados, ou seja, aos corpos que possuem um espírito e uma alma.

Ambas as percepções pertencem à essência da percepção da carne, enquanto carne própria e carne estrangeira.⁹ Mas Husserl declara, de imediato, que, nesta percepção de carne, ainda não está suficientemente esclarecido se ela é unicamente uma percepção do “espírito” ou se da alma, ou até mesmo dos dois simultaneamente. Aquele que percepção a sua carne não pode percepção-la de nenhuma outra forma senão sob este modo particular que é o seu. Ao contrário, a percepção da carne estrangeira é uma percepção que se efectua fenomenologicamente de um outro ponto de vista, de um outro lugar e, por isso, a análise fenomenológica deve poder dar conta desta razão de ser da carne do outro, porque as duas percepções estão intimamente associadas. Porém, a justificação da percepção da carne estrangeira não poderá ser baseada no raciocínio, mas, antes, numa percepção de facto e, por isso, real e empática. Como refere Husserl, “uma apreensão não é um raciocínio”, pois, se assim fosse, cada associação acabaria por ser também um raciocínio.¹⁰ Ora o carácter específico de uma apreensão é o facto de ela poder conjugar o campo perceptível e visível do mundo das coisas, bem como o das vivências internas, com o campo sensitivo e tátil do sujeito. Não se trata só do que é visto, mas do que é sentido. A percepção da carne processa-se pelos dados externos que são a corporeidade. Mas esta apreensão exige uma outra forma de apreensão da carne enquanto carne que a faz “objecto” de compreensão, como realidade psíquica. No texto nº 13, Husserl designa esta apreensão por “compreensão íntima” ou “apercepção compreensiva”.

Eu falo sempre de compreensão íntima. O que é que caracteriza em geral uma apreensão “compreensiva” em relação a uma apreensão no sentido de experiência externa? E, por outro lado, eu não compreendo a minha carne enquanto carne. Como se entende, então, que a carne possa ser objecto de uma experiência por meio de duas formas de apreensão, originária e compreensiva?¹¹

⁹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, p. 42. Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I. Traduction, introduction, postface et index. Paris, Presses Universitaires de France, 2001, p. 49.

¹⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, p. 50; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I, p. 57.

¹¹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, BD. XIII, texto n. 13, p. 339; N. Depraz, p. 310.

Mas como é sentida a carne estrangeira, quando a apreensão da minha mão não é a apreensão da mão estrangeira? Duas condições são necessárias para a apreensão da carne estrangeira: a semelhança e a corporeidade. É pela semelhança (*Ähnlichkeit*) entre a mão estrangeira e a minha mão, experienciadas ao nível da corporeidade, que a mão estrangeira é apreendida, não só enquanto corpo, mas enquanto inscrita numa corporeidade carnal.¹²

A) A síntese da percepção das coisas e a síntese da unidade carnal (§1)

No acto de conhecer e de perceber alguma coisa, é necessário a representação enquanto dado sintético e unitário da coisa externa. Neste sentido, também a carne releva, por um lado, da percepção, e, por outro, ela é, para o eu, o seu substrato físico. No intuito de tornar evidente como é que, na percepção da carne, se efectua a síntese, Husserl distingue, aqui, duas formas: a síntese das coisas externas e a síntese da unidade da carne. Esta distinção prende-se com a distinção feita antecipadamente entre percepções por apreensão e percepções da carne.

Na verdade, também a minha carne é objecto de percepção propriamente dita, na medida em que o meu eu é um eu que pode realizar a abstracção do seu corpo. Todavia, esta percepção do meu eu como um eu, mas abstraído do corpo, não pode realizar a unidade da síntese da percepção, na medida em que este eu não é nem um corpo nem nenhuma coisa física.¹³ Porém, faz parte deste eu o facto de ele estar também numa coisa física e de ser corpo, daí a sua unidade, ou seja, o eu pode ser entendido quer como desprovido de corpo, quer entendido como um eu completo e preenchido (*das volle Ich*).¹⁴ Sendo assim, a unidade de síntese das percepções é aquela que realiza a unidade do corpo físico, que possui movimento, sensações, e que faz unidade com o corpo vivo que sente. A esta complexo de articulação entre o meu corpo e o eu, é o que Husserl designa por “eu completo com a carne”.

Ao contrário de Descartes, que separa o eu do seu corpo vivente e concebe a unidade da síntese da representação como a verdadeira síntese de uma coisa pensante, desprovida de corpo,¹⁵ Husserl concebe a unidade da síntese

¹² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, pp. 49-50.

¹³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, p. 43: “Ich, ei Ich in Abstraktion vom Körper, «ist» keine Einheit wie ein Körper, wie ein physische Sache, keine Einheit der Synthesis von Wahrnehmungen”.

¹⁴ No texto nº 11, é ainda mais evidente esta ideia, quando Husserl fala da relação existente entre o eu puro e o eu “encarnado”, como base de compreensão da percepção que eu tenho do corpo enquanto realidade externa, ainda que espiritual e carnal e, o segundo eu, enquanto correlato semelhante desta percepção que se constitui como uma segunda carne.

¹⁵ “Ego sum, ego existo; certum est. Quandiu autem? Nempe quandiu cogito; nam forte etiam fieri posset, si cessaret ab omni cogitatione, ut illico totus esse desinerem. Nihil nunc admitto nisi quod necessario sit verum; sum igitur praecise tantum res cogitans, id est mens, sive ani-

da representação do corpo vivo como a síntese das sínteses, onde se realiza o encadeamento da percepção do objecto externo em geral e a síntese da unidade da carne, enquanto encadeamento da realidade objectiva e subjectiva do corpo.¹⁶

A examinar: à síntese de uma coisa externa em geral pertence, de maneira correlativa, um encadeamento de “circunstâncias” subjectivas, carnis e espirituais: os movimentos oculares, as sensações tácteis, a posição e o movimento dos órgãos do tocar. À síntese da unidade carnal enquanto tal, na qual estão contidas as sensações ligadas à situação *via* localização, pertence também o sistema de outras sensações que funcionam também como situações. [...] A síntese da carne enquanto tal contém, nela mesma, a síntese habitual da coisa, mas há mais.¹⁷

Quer a minha carne quer a minha mão são-me dados quer como coisas, quer como “carne”, *Leib*. A carne e o corpo são o suporte do campo de sensações, e suporte de relações psicofísicas. O estado inferior desta unidade psicofísica percebida é o da simples corporeidade (*Körperlichkeit*).¹⁸ Mas é através desta corporeidade que é percebida a unidade psicofísica e, de forma semelhante, algo de psíquico também.¹⁹

Husserl interroga-se sobre o *Leib* estrangeiro, se ele é efectivamente um *Leib* percebido e de que maneira o é. O psiquismo estrangeiro é co-percebido e exigido pela dimensão física do *Leib* estrangeiro. A diferença entre o *Leib* e o corpo (*Körper*) é resultante de uma dupla unidade, a da apreensão da coisa espacial e a da unidade da aparência como horizonte das

mus, sive intellectus, sive ratio, voces mihi prius significationis ignotae. Sum autem res vera et vere existens; sed qualis res? Dixi cogitans. Imaginabor: non sum compages, illa membrorum, quae corpus humanum appellatur”, R. Descartes, *Meditationes de prima philosophia*. Med. II, Texte latin et traduction du Duc de Luynes. Introduction et notes par G. Rodis-Lewis. Paris, Librairie philosophique Vrin, 1978, pp.27-28.

¹⁶ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, p. 45.

¹⁷ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, pp. 43-44: “Wohl zu beachten ist: Zur Synthesis eines äusseren Dinges überhaupt gehört korrelativ ein Zusammenhang «subjektiv» leiblich-geistiger «Umstände»: Augenbewegungen, Tastempfindungen, Stellung und Bewegung der tastend Organe. Zur Synthesis der leiblichen Einheit als solcher, zu der diese Umstandsempfindungen durch Lokalisation gerechnet werden, gehört auch das System der sonst als Umstände fungierenden Empfindungen. [...] Die Leibes-synthesis als solche enthält in sich die gewöhnliche Dingssynthesis, aber dazu noch mehr” CF. N. Depraz, *Sur l’intersubjectivité*, vol. I, p.51.

¹⁸ Encontramos precisamente aqui a influência da análise husserliana em Merleau Ponty, sobre a relação entre corpo e percepção: declara M. J. Cantista, em *Sentido y ser en Merleau-Ponty*, Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1992, p. 133: “«La percepción exterior y la percepción del cuerpo propio varían conjuntamente porque son dos caras de un mismo acto. [...] La síntesis del objetivo se realiza [...] a través de la síntesis del cuerpo propio, es su réplica o correlato [...]»”.

¹⁹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 2, p. 21.

aparências possíveis. A unidade entre a dimensão física do *Leib*, que se efectua através do corpo, e a unidade da aparência, como resultante da dimensão psíquica, denotam, em suma, a diferença entre as duas formas de percepção: a percepção corporal e a percepção carnal. E, para além desta duplicidade, uma outra se constitui: a da percepção da minha própria carne e a da carne estrangeira. Esta unidade ou síntese pode ser entendida como um reflexo da unidade sintética kantiana, estabelecida entre a unidade da síntese *speciosa* e a da unidade intelectual, ou seja, da apercepção.²⁰ No entanto, a síntese husserliana reelabora a relação entre o substrato físico e o carácter subjectivo das aparições.

B) A “apresentação” original e a “apresentificação” (§2)

O psíquico é percebido na medida em que ele é dado como “impressão”, numa apresentação original, e não segundo uma apresentificação, como é o caso do psíquico do que é estrangeiro. Existe, assim, uma percepção “própria” e uma percepção imprópria ou co-percepção, que é a percepção do outro. O corpo é-me dado enquanto presença em carne e osso. O psíquico é dado em presença originária e não sob o modo da compresença.

O psiquismo estrangeiro é co-apreendido e co-posto de forma análoga ao físico invisível, que é co-apreendido e co-posto. Declara Husserl (texto nº2):

O psíquico [*Das Seelische*] é dado em presença originária e não sob o modo da compresença (em carne e osso), como não fazendo senão um com o físico. O dado reenvia naturalmente a possibilidades ulteriores ligadas ao “se..., então”: isto significa que as sensações vividas, os actos, etc, são os estados de uma *realidade*, os anúncios de propriedades reais que não são precisamente enquanto tais vivências, mas que se anunciam originariamente nelas.²¹

O modo da presença originária é o modo da percepção do meu próprio eu. Nesta espécie de apercepção, que exige o “co-posto” e o “dado”, típico da percepção externa e da sensação, existe uma forma de unidade entre o elemento do co-percebido e o “dado”, que, estando presente, ultrapassa aquilo que é dado.

O eu possui o eu que pensa o espírito, enquanto possibilidade de aparição das coisas físicas que estão diante do eu e que, mediante o eu, aparecem ao eu completo, ou seja, ao eu enquanto carne *egóica*. Só quando o eu aparece ao “eu completo” (*das volle Ich*) é que as coisas possuem uma posição

²⁰ Kants' *Gesammelte Schriften*. Bd. IV. *Kritik der reinen Vernunft*. (1. Aufl.). Berlin, Druck und Verlag von Georg Reiner, 1991, pp. 85-91.

²¹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 2, p. 22; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I p. 266.

espacial e objectiva e podem aparecer ao eu de carne.²² Mas, para além disso, as vivências subjectivas, como sejam as sensações, a dor, o prazer, são igualmente imputadas à carne enquanto localizáveis na carne. Na verdade, as sensações internas criam outras situações, além daquelas que são criadas pela síntese da carne enquanto coisa física e, por isso, externa.

Enquanto camada corporal de mim mesmo que sou uma unidade psicofísica, a minha carne é-me dada, na medida em que ela é precisamente dada como uma camada inferior.²³

Por um lado, existe uma associação entre percepção das coisas externas e as vivências internas, mas, por outro, existe igualmente uma associação entre a unidade da carne e a do coração, ou seja, entra a unidade da vontade, do desejo, e da atenção.²⁴

Na percepção geral externa, devemos saber distinguir as aparições (*die Erscheinungen*) relativamente às coisas. Com feito, as aparições dão acesso às coisas, mas não são as coisas. A aparição não deve ser tomada pelo “aparente”. Ao contrário, são as coisas que estão simplesmente nas aparições e, por isso, elas são subjectivas. Poderíamos dizer que a aparição é, à maneira kantiana, a condição de possibilidade das coisas. Na verdade, as coisas estão nas aparições na medida em que as aparições possibilitam o seu aparecimento, mas não se identificando com aquelas.

A aparição não é separável do ser, embora seja naturalmente falso afirmar que a aparição ela mesma é tomada pela coisa aparente [*das erscheinende Ding*].²⁵

Esta aparição é possível graças ao “eu” que está em relação com o mundo das coisas, um eu (*Ich*) fundado carnalmente e englobante com ele, como o faz com o mundo das coisas. Só este eu completo é capaz de efectuar a síntese de todos os encadeamentos da experiência desta apreensão. Só ele é capaz de realizar a síntese das sínteses, a unidade das unidades. Desta forma, afirma Husserl no texto nº 3.

A carne distingue-se do corpo no facto de que ela é uma unidade de dupla camada. O corpo é uma unidade aperceptiva do tipo de apreensão da

²² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 43.

²³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 2, p. 22; N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I, p. 266.

²⁴ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 44.

²⁵ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 44; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I, p. 52.

«coisa espacial»; a unidade espaço-temporal constitui-se, também, como a unidade causal substancial da coisa material.²⁶

A carne é uma unidade de dupla camada, pois, sendo uma unidade de aprecepção, é ao mesmo tempo a sua constituição enquanto unidade substancial da coisa material que é o seu próprio eu. Mas esta percepção do eu carnal e encarnado deve ser entendida como uma apreensão do corpo analogicamente carnal, enquanto apreensão do ser humano todo inteiro. Por isso, o “eu” espiritual não possui nenhuma síntese distinta desta. Sendo assim, interroga-se Husserl sobre a legitimidade desta apreensão, enquanto apreensão posicional e doadora de encarnação.

C) O *Leib* como *analogon*

No texto nº 2, de 1909, intitulado como um dos extractos mais antigos dedicado ao problema da *Einfühlung*, podemos destacar três aspectos centrais com que Husserl se debate: 1) uma crítica à argumentação de Lipps sobre o raciocínio por analogia relativamente ao eu estrangeiro; 2) a determinação do carácter mediato da percepção da carne estrangeira; 3) uma exposição sobre as condições de possibilidade da experiência de um fluxo da consciência estrangeira.

De forma análoga ao que Husserl expôs no texto nº 3 sobre a *Einfühlung*, a propósito da determinação das duas formas de percepção, neste texto são agora apresentadas as duas formas de percepção da carne: enquanto ela me é dada como coisa e enquanto me é dada como carne, isto é, enquanto suporte de sensações e de relações psicofísicas, e como intimamente relacionada com o próprio psíquico. Se a relação entre percepção do corpo de carne (*Leibkörper*) e o “eu” foi objecto de dilucidação no âmbito da representação da minha própria carne e da carne do estrangeiro, trata-se agora de entender a relação entre a relação analógico entre o corpo e a carne.

Existe uma justaposição da carne (*Leib*) relativamente ao corpo, que o faz um *analogon* com o meu corpo de carne:

Uma outra carne é um *analogon* corporal do meu corpo de carne. Através da corporeidade percipionada, algo de psíquico é-o igualmente, em virtude desta analogia, exigida como acréscimo. O que é exigido, é por assim dizer uma faceta que não está voltada para nós, uma face escondida da realidade corporal e espiritual fazendo objecto de uma percepção.²⁷

²⁶ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 48.

²⁷ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 2, p.21: “Ein anderer Leib ist körperlich ein Analogon meines Leibkörpers. Durch die wahrgenommene Körperlichkeit ist vermöge dieser Analogie auch ei Seelisches Hinugefordert. Das Geforderte ist hier

O psíquico (*Das Seelische*) é percebido fazendo unidade com o corpo de carne. Na verdade, o corpo vivo não pode ser percebido directamente, mas só de forma mediata, através das sensações e das cinestésias próprias da acção do corpo.²⁸ Esta apercepção mediata é a “percepção” da carne própria, ou seja, a sua aparição. A questão que podemos levantar é a de saber se este *anologon* – experienciado no seio do meu próprio corpo de carne como resultante, por um lado, entre a percepção externa apreendida, ou seja, simples corporeidade (*Körperlichkeit*), e, por outro, o psíquico (*Das Seelische*) – é, de facto, uma relação analógica constituinte só de mim próprio e se não o é simultaneamente do outro.

D) A “apercepção experiencial” analógica do *Leib* estrangeiro

A resposta de Husserl é clara: a percepção do *Leib* estrangeiro, é uma apercepção experiencial analógica com a minha própria percepção. Husserl declara no texto nº 2, que toda a “apercepção experiencial” implica uma consciência de um objecto transcendente.²⁹ Ora, a transcendência só se constitui na forma de uma consciência que “intenciona”. A diferença entre a apercepção da minha carne própria e da carne estrangeira é que a primeira, é originária e imediata, enquanto que a segunda não o é nem pode sê-lo. Existe, por isso, uma grande diferença entre as duas apercepções, e essa diferença consiste precisamente na “originariedade” da carne própria em relação à carne estrangeira. Se comparamos a apercepção da carne estrangeira com a apercepção originária e imediata da minha própria carne, constatamos que estamos diante de duas formas de “originariedade”. Se a primeira possui o carácter duma apercepção originária e imediata, a segunda possui o carácter de ser mediata e de ser ainda uma “apreensão em original” (*im Original Erfassens*).³⁰ Todavia, estas duas formas de “originariedade” uma imediata e dada em “própria”, e, a outra, mediata e dada por uma “apreensão original”, deverão ser esclarecidas. Na verdade, a experiência do “outro”, ou a corporeidade encarnada do “estrangeiro”, toma o carácter de uma apreensão presentificante e de uma interpretação (*Deutung*).

Husserl questiona mesmo a possibilidade de um conflito (*Streit*) entre estas duas apercepções, isto é, um conflito que implicaria uma posição errada, por exemplo, a da percepção da mão estrangeira enquanto minha. Todavia, segundo Husserl o conflito está excluído aqui, na medida em que a apercepção que eu possuo da minha carne é uma apercepção em doação ori-

gleichsam eine abgewendete Seite, eine verdeckte Seite des apprezzierten körperlich-geistigen Realen”, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*“.

²⁸ M. Richir, *Phénoménologie en esquisses. Nouvelles fondations* (Collection Krisis). Grenoble, Editions, Jérôme Millon, 2000, p.271.

²⁹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 2, p. 24.

³⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 2, p. 24.

ginária e, para além disso, que cada espécie de percepção obriga ao seu modo de atestação (*Ausweisung*) e de recusa (*Abweisung*). Na verdade, é esta apercepção experiencial que permite avaliar este conflito. Todavia, é necessário saber que o conflito de que Husserl fala aqui, e que está excluído da experiência do outro em mim, não pode ser da mesma ordem que aquele que pode existir no meu *ego* quando nós estamos diante dois modos distintos da consciência, a saber, a do *ego* do “agora” (*Ich-Jetzt*) e a do *ego-phantasia* (*Phantasie-Ich*).³¹ Neste tipo de conflito, coloca-se em evidência uma relação entre o eu actual e o eu imaginado, vividos sob o mesmo plano, mas cada um sendo diferente. Esta tensão conduz a um conflito entre a vivência actual e a vivência fictícia (*fiktiv*). Com efeito, o conflito entre a vivência actual e a vivência fictícia é o único conflito possível. As diferentes modalidades que são apresentadas à consciência, tais como aquelas que eu vivo no momento presente ou no momento passado, ou até mesmo numa ficção, são “presentificações” que podem entrar em conflito com o eu actual. Ao contrário, a presença do outro na minha consciência não requer esta espécie de conflito, visto que a apercepção do corpo de carne estrangeira impõe um requisito: “que eu esteja presente na vida psíquica do outro tanto quanto eu o presentifico em mim por empatia”.³²

Mas Husserl, no texto nº 11, de 1914-1915, declara que a presentificação do estrangeiro não é da ordem da recordação (*Erinnerung*), isto é, da imaginação³³, o que nos leva a suspeitar, de antemão, sobre o que Husserl desenvolverá mais tarde a respeito da percepção do outro através da *phantasia* e não da imaginação.

Desta forma, assim como existe uma falta de conflito entre a apreensão do corpo que é analogicamente de carne e a apreensão do ser humano todo inteiro, dotado ele também de corpo de carne, existe igualmente uma falta de conflito entre a apreensão da minha própria carne com a carne estrangeira. Na verdade, a apreensão da carne estrangeira é uma percepção analógica e, por isso mesmo, uma “apercepção experiencial”. Por isso, é-nos necessário compreender o alcance desta experiência original.

É necessário mostrar que o conflito é aqui excluído, e porque ele o é, quando a apercepção «carne estrangeira» é uma apercepção experiencial (portanto uma apercepção «em analogia com a minha própria percepção»); é preciso mostrar que a «falta» (*Fehlen*) de doação originária do psiquismo não deve ter

³¹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, p. 318. Pour la question du *Leib* et son rapport à la *phantasia*, nous pouvons trouver une étude très bien élaborée par Marc Richir: *Phénoménologie en esquisses. Nouvelles fondations*. Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 2000.

³² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 11, p.319; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I, p. 303.

³³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, p.318: “Aber die Vergegenwärtigung von Fremdem ist nicht als Erinnerung charakterisiert”.

a significação de uma falta do psiquismo em geral; é preciso mostrar em que consiste a diferença entre a apreensão do meu corpo de carne como tal e aquela de um corpo de carne estrangeira, a saber, a que se deve o facto de que o psíquico está depositado no estrangeiro possui o carácter de psíquico sem ser o meu.³⁴

A apercepção experiencial realça o valor significativo da compreensão psíquica de toda a percepção. Para além disso, realça que a ausência de conflito deverá poder justificar, por um lado, a razão da presença real do psíquico estrangeiro relativamente ao meu psíquico, e, por outro que a falta de doação original do psíquico estrangeiro em mim não invalida a presença real do psíquico em geral.

2. Da empatia à *transferência* (*Übertragung*)

A crítica que Husserl efectua contra T. Lipps acerca da *Einfühlung* servirá para desenvolver o sentido da sua própria concepção de *Einfühlung*, isto é, de empatia ou de introjecção.³⁵

Fala-se de empatia. Eu sinto o meu sujeito egóico no corpo estrangeiro. Mas será justo falar assim? A empatia será ela (sobre o modo de uma presentificação em geral), uma consciência de realizar a aparição interna da corporeidade, da espiritualidade tanto quanto a representação de si mesmo, simplesmente com um conteúdo de consciência modificada?³⁶

³⁴ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 2, p. 23; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I p. 268.

³⁵ O termo *Einfühlung* deriva de Ein – fühlen – sentir em -. Segundo Dermotan Moran, “The problem of empathy: Lipps, Scheler, Husserl, and Stein”, in *Amor amicitiae: On the Love that is Friendship. Essays in Medieval Thought and Beyond in Honour of the Rev. Professor James Mc Evoy*. Edited by T. A. F. Kelly and P. Rosemann. Louvain-Paris- Dudley, Peeters, 2004, pp. 269-270, o termo alemão foi forjado mais tardiamente que o termo inglês “empathy”, que teria sido utilizado por D. Hume, no seu *Treatise on Human Nature*, vol. II. Of the Passions. Sections XI. Ed. By L. A. Selby-Bigge. Edition rev. by P. H. Nidditch. Oxford, Clarendon Press, 1978, pp. 316-317. Todavia, devemos assinalar que o termo alemão *Einfühlung* já é utilizado no século XVIII, por Herder e no Romantismo. Mais tarde foi utilizado por O. Baumgarten. Cf. Joachim Scharfenberg, «Empathy» in *The Encyclopaedia of Christianity*. Vol. II. Editors, E. Fahlbusch et alii. G. Translated and English –language Editor by W. Bromiley. Michigan. Michigan, Wm. B. Erdmans Publishing Company, 2001, pp. 85-86.

³⁶ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 13, p. 335: “Man spricht von «Einfühlung» Ich fühle dem fremden Körper mein Ichsubjekt ein. Aber ist es richtig, so zu sprechen? Ist denn dies (in der weise einer Vergegenwärtigung überhaupt) ein Bewusstsein, Innerscheinung von Körperlichkeit, von Leiblichkeit, Geistigkeit vollziehen soviel wie Sich-selbst-vostellen, nur mit geändertem Bewusstseinsgehalte?”.

Com efeito, a concepção Lippsiana da empatia é, segundo Husserl, uma concepção que critica o raciocínio por analogia, bem como critica, igualmente, toda a teoria da apercepção enquanto “apercepção experiencial”.³⁷ Husserl considera mesmo que Lipps não conseguiu clarificar concretamente de que género é esta empatia ou, melhor dizendo, de que género é esta apercepção. “Mas esclareceu ele [Lipps] que cada apercepção, cada espécie de percepção traz com ela o seu tipo de atestação e de recusa?”³⁸ Além disso, Lipps tão pouco conseguiu efectuar uma “explicação” fenomenológica que tivesse como fio condutor a própria “atestação”. Na verdade, a *Einfühlung* deve ser entendida como uma forma geral de compreensão e, por isso, ela deve ser compreendida não só como forma de apreensão do meu próprio eu e do meu eu com os outros e com o mundo, mas também como uma apreensão compreensiva do outro, ou seja, da introjecção (*Hineinversetzen*) do outro enquanto outro. Desta forma, a apreensão do outro deve fazer-se pelo sentido inverso, ou seja, de nos reportarmos, em sentido contrário, a partir da apreensão da carne estrangeira, enquanto este o faz relativamente a mim enquanto sujeito espiritual e carnal. Neste sentido, a *Einfühlung* deve ser compreendida como a experiência do outro para mim mesmo, como o retorno (*Rückbeziehung*) da carne estrangeira e do sujeito estrangeiro à minha carne, ao meu sujeito.³⁹ No sentido de explicitar a natureza da *Einfühlung*, Husserl interroga-se sobre o carácter analogizante desta empatia declarando:

Em que medida existe aqui uma apreensão analogizante? Em que medida poder-se-á falar de percepção? Em que medida é necessário relacionar, em retorno (*Rückbeziehung*), a apreensão da carne estrangeira, do sujeito estrangeiro espiritual-carnal à minha carne, ao meu sujeito espiritual-carnal?⁴⁰

É precisamente neste contexto que Husserl ultrapassa largamente o mero campo de reflexão transcendental analogizante do outro, para colocar, no sentido inverso, a experiência do outro diante de mim mesmo. Neste sentido, esta apreensão analogizante, que tem como ponto de partida primordial

³⁷ Devemos referir contudo, que a crítica de Husserl a T. Lipps não está ausente de ambiguidades, quer mesmo quanto à própria teoria husserliana da empatia. No apêndice IX ao texto nº 2, Husserl critica a empatia enquanto modalidade que apreende o outro por meio de um simples raciocínio por analogia: “Nun, dann haben wir eben schon die Einfühlung als eine berechtigte und eigentümliche Weise der unmittelbaren Erfahrung angenommen, die eben den Anderen ohne Analogieschluss setzt”. Além disso, a discussão não é só com Th. Lipps mas também com B. Erdmann.

³⁸ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto n. 2, p. 24.

³⁹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, pp. 316-317; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I p 300.

⁴⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, pp.316; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité* vol. I, p.300.

a percepção da minha própria carne, deverá efectuar, em retorno, a apreensão do outro em mim, enquanto unidade transcendente de um conjunto de apreensão originárias possíveis, que se designa por “percepção” transcendente. N. Depraz prefere falar do carácter anti-simétrico da relação analógica entre o eu e o outro⁴¹, mas esta figuração é insuficiente para demonstrar quer o carácter sintético e unitário da aprecepção constitutiva, quer o carácter analógico da relação intersubjectiva.

Nas *Meditações Cartesianas*, § 49, o *alter-ego* significa um outro eu-mesmo que é posto em evidência e em primeiro plano. Mas, na sequência disso, Husserl subordina a constituição do *alter-ego*, como constitutivo do *ego*, sendo este último compreendido como um *ego* empírico e primordial e, para além disso mesmo, como o fenómeno de um mundo objectivo no qual os outros e o meu próprio *ego* são os seus representantes. É então que a constituição do outro enquanto outro em si mesmo se torna uma constituição que substitui o mundo primordial do *ego* pela compreensão do outro primeiro em si mesmo enquanto um não-eu (*Nicht-Ich*).⁴²

3. Os diversos graus da *Einfühlung*

Para nos esclarecermos melhor sobre os diferentes estádios da *Einfühlung*, Husserl expõe de forma sistemática os graus da empatia no texto nº 4, de 1910.⁴³

Assim, temos a percepção do corpo vivo (*Leib*) como grau primeiro da *Einfühlung*, enquanto campo de sensação, visual, táctil, onde se situam as sensações primárias e secundárias, os movimentos corporais e os sentimentos que lhe estão intimamente associados. Aqui estão localizadas todo o largo campo de sensações externas e internas do próprio eu.⁴⁴ Em seguida, temos o segundo grau de percepção relativamente às aparições, que representam as transcendências objectivas.⁴⁵ Em terceiro, o da percepção dos actos que comportam a relação, como sejam as tomadas de posição (*Stellungnahmen*) em forma de teses e sínteses.⁴⁶ Por último, temos a alma e o sujeito empírico, enquanto condição de sujeito que se manifesta e se revela.⁴⁷

Esta descrição dos graus da *Einfühlung* manifesta, em primeiro lugar, a empatia do eu consigo próprio e, em segundo lugar, a do outro enquanto

⁴¹ Cf. N. Depraz, *Transcendence et incarnation*, p. 144.

⁴² E. Husserl, *M. C.*, § 49-52, p. 137-143. Cf. *Méditations cartésiennes*. Traduit de l'allemand par G. Peiffer et E. Levinas. Paris, Librairie Philosophie J. Vrin, 1953, pp. 90-98.

⁴³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, pp. 62-66.

⁴⁴ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 62.

⁴⁵ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 62.

⁴⁶ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 62.

⁴⁷ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 62.

estrangeiro, não já como percepção, propriamente falando, mas enquanto co-percepção (*Mit-Wahrnehmung*). No caso da co-percepção ou da *Einfühlung*, enquanto empatia da apreensão do outro, encontramos cinco graus, que estão subordinados à esfera das vivências do outro enquanto objectivas e subjectivas. Estas vivências manifestam-se através de sinais como forma de expressão. No primeiro grau, encontramos as sensações que se localizam, por exemplo, na mão que nos aparece.⁴⁸ É o sentido da mão que nos aparece numa representação mental pertencente ao campo de percepção psíquica e não corporal.

No segundo grau, o ser humano está diante de nós, não como sensação, mas como coisa a ser compreendida. A relação que o eu mantém com a natureza humana está na proximidade de um objecto para mim, a ser compreendido, de um determinado ponto de vista, da mesma maneira que eu vejo uma mesa segundo uma perspectiva.⁴⁹ Este ser que está diante de nós vê, ouve e sente e apercebe-se das coisas a partir de uma perspectiva. É sob esta forma de aparição que, primeiramente, o outro me aparece. Mas é evidente que todas as “aparições” passam necessariamente pela forma como o homem se relaciona com o seu corpo. Desta forma, toda a natureza exterior aparece-nos através dos sentidos e todo o ser humano é compreendido como mundo exterior. A sua manifestação é percebida através de aparições esboçadas (*abschattende Erscheinungen*). Nestes dois primeiros graus há um modo muito particular de relação entre as aparições e o corpo.

No terceiro grau, encontramos as recordações (*Erinnerungen*) e as fantasias (*Phantasien*) sensoriais. Trata-se, aqui, das “presentificações sensoriais”, que não são percebidas ao mesmo título que aquelas que possuo de mim próprio e, por consequência, não possuem uma relação actual com o corpo “agora” existente. Todavia, adquirem nas concepções uma relação com o corpo a *posteriori*.⁵⁰

No quarto grau, encontra-se todas as manifestações psíquicas da esfera das acções, dos sentimentos, dos juízos, das vivências e da “expressão” (*Ausdruck*). Para Husserl, toda a “expressão” é corpo e, por isso, leva a corporalidade a um denominador comum de sentido que, por sua vez, é portador de sentidos para o seu sentido.⁵¹ Husserl dá aqui o exemplo, numa pequena nota explicativa, do caso da escrita, que é por si própria portadora de uma espiritualidade objectiva, mas que, ao mesmo tempo, é uma consequência da espiritualidade psíquica humana e subjectiva.

Por último, temos o quinto grau, onde se estrutura uma outra forma de espiritualidade. Neste quinto grau, ainda temos que distinguir dois patamares: o primeiro que diz respeito a uma camada que “suporta” a verdadeira

⁴⁸ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 63.

⁴⁹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 63.

⁵⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 64.

⁵¹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 64-65.

espiritualidade da corporalidade (*Leiblichen*). A segunda, aquela que indica de forma indirecta o complexo da espiritualidade, ou seja do que é alma e que não está directamente ligado ao que é exprimido de forma corporal.⁵² A este complexo de sensações, a esta unidade que é a alma, está associado uma vida interior do outro que eu próprio capto de forma indirecta mas global e individual.⁵³

4. A *Phantasia* como acesso ao “outro”

A) Primordialidade e imaginação

Voltemo-nos agora para a relação dos outros “eus” com o “eu” próprio, ou seja, para a relação da minha carne com as outras carnes. A relação que eu mantenho com o meu corpo é uma relação directa e imediata, como, por exemplo, quanto tenho sensações de movimento. Porém, para movimentos que o meu eu vê das coisas que se mexem, já não tenho sensação; no entanto, é associado ao movimento como uma unidade. De forma semelhante, eu vejo as outras carnes e os outros seres humanos, mas não como se eu formulasse raciocínios sobre eles, mas como complemento por empatia (*Ergänzung durch Einfühlung*). Porém, a mão do outro não pode ser apreendida como simples coisa material, pois ela não é um membro da minha carne. Além disso, o psiquismo estrangeiro está lá, mas é co-percepção. Na verdade, a co-percepção do outro é uma apreensão do outro enquanto homem e enquanto carne, mas não me é dado nem pode ser dado. Na empatia, o psiquismo do outro é co-apreendido e co-posto de forma análoga ao físico invisível, que é co-apreendido e co-posto.

O psiquismo estrangeiro está lá co-percepção, o psiquismo estrangeiro é co-exigido pela dimensão física da carne estrangeira que é dada sobre o modo da percepção: a carne física é por assim dizer uma simples parte do conjunto, do ser humano estrangeiro. O psiquismo do estrangeiro é co-apreendido e co-posto (apreendido) de forma análoga ao físico invisível que é co-apreendido e assim coposto. O mesmo acontece com as outras co-aprecepções.⁵⁴

A empatia dá-se segundo o modo da apreensão presentificante e segundo o modo de interpretação (*Deutung*). Por isso, o outro é co-apreendido e co-posto e não me é dado de forma originária. O meu eu está-me pre-

⁵² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, pp. 64-65.

⁵³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, pp. 65-66

⁵⁴ E. Husserl, E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p.46; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol I, p. 54.

sente de forma originária, e não sob o modo de uma recordação presente (*gegenwärtige Erinnerung*).⁵⁵ A percepção do estrangeiro só me é dada de forma presentificante e, por consequência, não é verdadeiramente uma percepção. A minha apreensão da carne estrangeira e das suas expressões afetivas só me é possível graças a uma apreensão da sua dimensão sensível, isto é, da sua corporeidade, e da sua dimensão espiritual, através de uma presentificação obscura. Eu possuo a apreensão da carne do outro pela presentificação, isto é, pela aparência que é uma modificação reprodutiva, onde se constitui o “horizonte modificado de aparências potenciais”. Todavia, estas aparências não são nem meras potencialidades vazias, ou meras intenções vazias (*Leerintentionen*), como dirá num outro texto (texto nº 11)⁵⁶, nem são, propriamente falando, propriedades presentificadas em imaginações (*Phantasien*), ainda que estas últimas se aproximem mais da apreensão da carne do outro do que daquelas primeiras.⁵⁷

B) *Phantasie-Ich*

Dos textos que acabámos de ver, será interessante reter a noção de *Phantasie*. Entre os textos que datam de 1905-1910 (texto nº 2, nº 3 e nº 4) e os textos de 1915-19 (texto nº 11 e nº 13), os primeiros, não apresentam uma concepção elaborada da carne do outro, além de que Husserl, parece colocar a empatia do lado da imaginação ou ainda da recordação (*Erinnerung*), chegando a identificar mesmo fantasia com *Erinnerung*, como modo de acesso ao outro através da “presentificação”.⁵⁸ No texto nº 3 Husserl afirma:

Se eu digo «eu», o eu e o seu si mesmo presente são *originais*, não são uma recordação presente. O mover-se estrangeiro, o tocar estrangeiro e o ser tocado (o «eu toco» estrangeiro, «eu sou tocado») não pode ser posto e não é posto por mim, o eu que se põe e que se dá absolutamente, a não ser sob a forma de presentificações.⁵⁹

A importância concedida ao papel específico que jogam as presentificações ajuda a compreender o carácter próprio das apreensões da carne do outro como tal. As presentificações são as possibilidades originariamente constituintes e, em relação às percepções originais, não são apreensões vazias, pois elas possuem verdadeiramente um valor real e “fundante”. Além do mais, elas distinguem-se das apreensões vazias, que são simples possibi-

⁵⁵ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 47.

⁵⁶ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 11, p. 316.

⁵⁷ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 3, p. 50-51.

⁵⁸ Cf. E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 4, p. 64; texto nº 3, p. 47; texto nº 2, p. 29.

⁵⁹ E. Husserl, *op. cit.*, nº 3, p. 47: “Sage ich, “ich”, so ist das Ich und das gegenwärtige Seine Original, das nicht gegenwärtige Erinnerung”.

lidades hipotéticas. No apêndice IX ao texto nº 3, Husserl esforça-se por clarificar os diferentes modos de “presentificações”, nomeadamente a diferença entre as presentificações da percepção da minha própria carne, as presentificações da carne estrangeira e, finalmente, as presentificações potenciais ou mesmo vazias.

Em toda a percepção por apreensão, as preentificações executam a sua função: por exemplo, se eu me ponho a clarificar para mim os complexos de intenções vazias que formam a apreensão, o que significa que eu passo às «percepções possíveis» aos encadeamentos de percepções possíveis (as quais se dão num «se... então») eu possuo aquando da apreensão da carne estrangeira apreensões efectivas e verdadeiramente necessárias. Se eu vejo um rosto estrangeiro, uma mão estrangeira etc., pode a tal ponto a apreensão da dimensão sensual que pertence à corporeidade e, depois, em seguida, da sua dimensão espiritual talvez muito obscura, que embora uma presentificação obscura e não uma simples possibilidade hipotética em vista de presentificações de aspectos, de aparições que seriam dados se eu voltasse a cabeça, etc. Está claro para mim há muito tempo que a face escondida de uma coisa, as suas diferentes propriedades, não são, propriamente falando, presentificadas em imaginações (*Phantasie*), mas que a apreensão de qualquer coisa de vazio é simplesmente a potencialidade de presentificações.⁶⁰

Como podemos constatar, a apreensão da carne estrangeira não é da mesma ordem que as possibilidades hipotéticas. Estas são puras potencialidades ainda não realizáveis ou, até mesmo, jamais realizáveis. A percepção da carne estrangeira pode ser obscura, mas ela é verdadeiramente uma apreensão do que o outro é, a saber, a sua dimensão sensitiva, a sua corporeidade e a sua dimensão espiritual. De que género é, então, a presentificação da carne estrangeira e em que é que ela se distingue da presentificação da percepção da minha carne como tal? A presentificação empática faz-se segundo a via de uma representação, presentificante e reprodutiva, enquanto a presentificação da minha própria carne se faz como dado perceptível, segundo as modificações dos actos da consciência, que dizem respeito às recordações e às “expectativas”. Estes actos são apreendidos como presentificações vividas no interior da consciência e são modificações presentificadas no presente. A recordação é, então, “uma modificação reprodutiva de uma percepção anterior”.⁶¹ É por isso que Husserl designa este género de “representações presentificantes” como “presentificações posicionais”, onde o eu do presente é sempre o mesmo, apesar das modificações trazidas quer pela recordação quer pela expectativa. Para Husserl, o debate far-se-á, por um lado, entre o princípio de identificação que unifica o “eu” do momento

⁶⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 3, pp.50-51; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I p.58.

⁶¹ E. Husserl, *op. cit.*, nº 3, p. 52; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I p. 60.

presente com o eu do passado, que é por sua vez um eu presentificado e, por outro, o princípio de conflito que distingue, o eu actual e real com o eu imaginado e irreal. Esta tensão é objecto de aprofundamento por parte de Husserl no texto nº 11, de 1914-15, onde ele se dedica a compreender o alcance da relação entre o *Ich-des Jetzt* com a *Phantasie-Ich*, que passa, a partir de agora, a ser explicitada como um domínio da consciência fictícia.

O eu pode transpor-se num presente irreal, num passado irreal. Por isso, o eu actual, o eu do agora, coincide com o eu imaginado; o campo de consciência fictícia e o campo de questões constituído ficticiamente entra necessariamente em conflito com o horizonte passado, se eu para ele me quisesse transpor; ou então trata-se de uma possibilidade totalmente vazia.⁶²

Por analogia com o carácter de presentificação do meu próprio eu, a apreensão da carne estrangeira servirá, então, para mediar, por um lado, o carácter de identificação subjacente à percepção da carne e, por outro, a avaliar o nível de conflito da transposição do eu do passado para o eu irreal e fictivo. É em virtude deste conflito que a *Phantasie* surge como a impossibilidade de ter alguma posição actual. Declara por isso Husserl: “À pura fantasia falta qualquer posição actual”.⁶³

Husserl está interessado em distinguir a *fantasia* da percepção e a *fantasia* da ficção. Na realidade, as duas *fantasias* não são da mesma espécie. A este propósito, podemos lembrar a diferença que estabelecia já Descartes, nas suas *Meditações*, sobre o poder dos actos da *imaginatio* e da ficção (*fingere*).⁶⁴ Poderíamos mesmo dizer que a fantasia husserliana assemelha-se à *πρόληψις* kantiana, de origem estóica, que expressa uma forma de antecipação do conhecimento *a priori*, mas que determina precisamente o conhecimento empírico e da sensação.⁶⁵

Com efeito, na mesma linha de pensamento, Husserl apresentava, já nas *Investigações Lógicas*, duas formas de imaginação que ele cuidava em distinguir.⁶⁶ Nesse momento, a imaginação podia ser quer a ideia de um objecto dado imediatamente, quer a ideia de um objecto através da “presentificação” em imagem; estas duas formas de imaginações tinham designações diferentes: imaginação e *Bildwußtsein*. Todavia, no nosso caso aqui, não se trata de

⁶² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 11, p. 318: “Das Ich kann sich auch in eine unwirkliche Gegenwart, in eine unwirkliche Vergangenheit hineinversetzen. Dann deckt sich das fingierte Bewusstseinsfeld und fiktiv konstituierte Sachenfeld streitet notwendig mit dem Vergangenheitshorizont, wenn ich es da hineinversetzen wollte, oder es ist ganz leere Möglichkeit”.

⁶³ E. Husserl, *op. cit.*, nº 11, p. 318: “Es fehlt bei der reinen Phantasie jede aktuelle Setzung”.

⁶⁴ R. Descartes, *Meditationes de prima philosophia*, II, p. 28.

⁶⁵ I. Kant, *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985, p. 202.

⁶⁶ N. Depraz, *Transcendence et incarnation*, p. 145.

distinguir diferentes noções de imaginação, mas da *fantasia* ela mesma, que se distingue da recordação e da consciência ficcional (*das fingierte Bildbewußtseinfelds*). A *fantasia* deverá permitir estabelecer uma continuidade entre a consciência perceptiva e impressional e a presentificação, ou com-presentificação, na percepção própria de outrem, ou seja, na *Einfühlung*, propriamente.

Se os fenómenos psíquicos estrangeiros não podem ser «dados como factos imediatos», que podemos nós fazer? Mas se eles são dados imediatamente de uma outra maneira, existe um modo de doação que não é um modo de doação passando pela percepção. Na recordação, beneficia-se do facto que esta nasceu de uma percepção anterior, como se isso significasse alguma coisa. Mas eu posso acrescentar: não há nenhum modo de doação, fora da percepção, que não nasça de uma «percepção anterior», como é o caso da recordação. Por isso não há nada a fazer. No entanto, se existe um tal modo de doação, então... Ora nós temos, por um lado, o modo de doação do corpo animado pela percepção e, por outro, um outro modo de doação enquanto presentificação por empatia (é, se quisermos, um modo de doação que pressupõe psicologicamente o modo anterior de doação pela percepção).⁶⁷

No texto nº 11, a *fantasia* aparece-nos com uma função bem mais definida quanto ao carácter da sua “presentificação”. Por um lado, ela não pode ser identificada pacificamente com a presentificação da recordação do passado. Por outras palavras, o eu do presente não se identifica com o eu imaginado, na medida em que, se assim fosse, surgiria logo de imediato um conflito entre o campo visual e actual, isto é, o fluxo actual das vivências, e o campo inactual e imaginativo. A transposição só é possível quando o conteúdo das *cogitationes* no seio do eu actual for suprimido, de forma a existir um sujeito do “agora” capaz de ser o substrato de todas as *cogitationes*.⁶⁸ Por outro lado, a *fantasia* também não se pode identificar com o campo fictício e, em certa medida, completamente vazio de possibilidades, isto é, como um campo de intenções e de possibilidades perceptivas vazias. Na verdade, as intenções vazias estão fora do campo da percepção e, *a fortiori*, da apercepção.

Nas *Meditações cartesianas*, nos parágrafos 30 e 34, Husserl descreve os objectos para a consciência transcendental que se inscrevem numa rede de correlações, reais e possíveis. Os objectos são para a consciência enquanto objectos visados, pensados e imaginados (*phantasierten*).⁶⁹ Esta *fantasia*

⁶⁷ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 2, appendice IX, p. 38; Cf. N. Depraz, 285.

⁶⁸ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, p. 318; cf. N. Depraz, p. 302.

⁶⁹ Neste contexto, a *phantasia* corresponde à ideia de imaginação, enquanto correlato de uma percepção possível e não real e empírica. É aquilo que Husserl designa como o reino do

corresponde à noção de imaginação enquanto possibilidade intencional de produção de objectos ideais e, por isso, não corresponde à noção de *Phantasie* expressa no contexto da *Einfühlung*, no texto nº 11.

Voltando-nos, agora, para a maneira como apreendemos o outro, ou seja, para a nossa empatia (*Einfühlung*) do outro, a questão é, então, a seguinte: como compreender, no *ego*, as *cogitationes* que não se inscrevem numa unidade da recordação e da expectativa (*Erinnerung* e *Erwartung*), mas antes numa unidade fenomenológica temporal? É a essa unidade, enquanto fluxo de continuidade da consciência, que a recordação deverá poder participar. Chegados a este ponto, relativamente à constituição do eu actual, enquanto unidade do fluxo da consciência que no seu próprio seio admite diferentes “pontos” (*Punkte*) no “ser egóico contínuo”, Husserl interroga-se, dizendo como poderá chegar, a partir daqui, à constituição do outro.⁷⁰ A *fantasia* não pode, por um lado, pertencer ao modo do eu do passado ou da expectativa, mas, por outro lado, também não pode identificar-se com a pura ficção e, por isso, com o *fantasma*. Ora, da mesma maneira que a *fantasia* está nesta síntese constitutiva do eu presente, mas continuamente a recriar novas percepções, da mesma maneira a empatia do outro será o lugar da criação de novas percepções.

O que eu ponho no outro é o *eu*, enquanto sujeito de tal ou tal *cogitationes*, e o eu ele mesmo é um eu presentificado; é um eu onde eu entro em empatia com ele, embora seja um eu estrangeiro, como o cogito *presentificado* e colocado se situa, a justo título, no exterior de um fluxo da consciência actual do tempo e forma «outro» fluxo, um fluxo novo.⁷¹

A apreensão do outro é fonte de *novas* possibilidades empíricas, da mesma maneira que é a fonte de surgimento de um segundo sujeito empírico, que não pode ser constituído unicamente pelas aparições internas, próprias da recordação e da expectativa.⁷²

«como se». Cf. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 34. Herausgegeben, von S. Strasser. Bd. I. Haag, Martinus Nijhoff, 1963, p. 104. Aproveitamos a oportunidade para agradecer as questões que nos foram colocadas pela profª Mafalda Blanc e pelo prof. Tadeus Czarnik, aquando da apresentação deste texto inicial, agora desenvolvido, para um melhor aprofundamento desta questão.

⁷⁰ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, p. 319; Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I, p. 303.

⁷¹ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, nº 11, p. 320: “Was ich im Anderen setze, das ist *Ich* als Subjekt dieser und dieser vergegenwärtigten *cogitationes*, und das *Ich* selbst ist vergegenwärtigtes *Ich*, es ist *Ich*, ich fühle mich darin, und doch fremdes *Ich*, wie das vergegenwärtigte und rechtmässig gesetzte cogito ausserhalb des Stroms des aktuellen Zeitbewusstseins steht und einen “neuen” “anderen” Strom ausmacht”. Cf. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I, p. 303.

⁷² E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, texto nº 13, p. 334. N. Depraz, *Sur l'intersubjectivité*, vol. I, p. 305.

Desta feita, poderemos dizer que deve existir uma analogia entre o eu-presente, que preside quer ao eu do passado quer ao eu da ficção, e o eu-presente na vida psíquica do outro, que presentifico em mim por empatia (*Einfühlung*). Este ser-presente deve escapar, simultaneamente, ao princípio de pura identificação e ao requisito do conflito.

No texto nº 13, Husserl explicita a relação entre percepção e apercepção. Por outras palavras, trata-se de entender a relação entre a primordialidade e a analogização, ou seja, entre a apreensão “originária” e a apreensão “compreensiva, típica da empatia. No texto nº 3, de 1909, Husserl chama-a síntese de unidade, quando, agora, passa a designar “apercepção por compreensão” ou ainda por uma *Einverstehen*. A apercepção do corpo do outro deverá poder reconduzir-nos (*Zurückgeführt*) à nossa própria corporeidade carnal e à nossa espiritualidade.

A experiência do outro passa necessariamente por um excesso (*Überschluss*) do dado sensível, que o outro representa para mim mesmo na sua aparição. O seu modo de doação não é a de um simples corpo, realizada pela percepção, mas, sim, um modo de doação (*Gegebenheitsweise*) que é dado pela “presentificação em empatia”. No apêndice ao texto nº 2, Husserl fala dessa doação e da relação analógica de mim mesmo com o outro.

Se a mão do meu vizinho está perto da minha, eu posso, segundo a analogia, tomá-la como «minha mão», mas, agora, o que excede o dado sensível faz falta à percepção e é isso que distingue, portanto, entre a minha mão e não precisamente a minha mão.⁷³

A relação analógica entre a minha carne e a carne estrangeira resulta, por um lado, do dado perceptível, e aí existe uma semelhança entre as duas carnes, mas, por outro, no que excede o dado perceptível e, simultaneamente, no que falta, destituindo assim a percepção de ser percepção.

Conclusão

Apresentámos uma leitura da intersubjectividade (*Einfühlung*), isto é, da empatia, nalguns textos de Husserl, do primeiro período 1905-1920. Na verdade, a periodização ajuda a avaliar, a montante, os conceitos emergentes desta temática, bem como constatar o desenvolvimento que Husserl fará posteriormente. Para além disso, estes textos revelam ainda o interesse dado à intersubjectividade e o destaque que ela deve ter na compreensão da obra de Husserl.

Dos textos que nós analisamos, texto nº 2, nº 3, nº 4, nº 11 e nº 13, verificámos o quanto a intersubjectividade é fundamental na elaboração da

⁷³ E. Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, Bd. XIII, apêndice ao texto nº 2, p. 36.

“primordialidade” e da “analogização”. Quer a noção de percepção, quer a noção de apercepção são reelaboradas em função da experiência que eu posuo do outro e da corporeidade encarnada do outro.

Salientamos, igualmente, neste leitura, a importância da noção de *Phantasie* na constituição da apreensão do outro, em particular nos textos nº 11 e 13, apontando, para isso, a diferença que constitui relativamente aos textos nº 2, 3 e 4, onde a noção de *fantasia* aparece associada à noção de recordação (*Erinnerung*), sendo esta última apresentada como a possibilidade de “presentificação” que nos dá acesso ao outro. Nos textos 11 e 13, a *fantasia* afigura-se-nos como a apreensão antecipatória, mas ao mesmo tempo empírica e “preenchente”, do carácter real e íntimo da corporeidade do outro enquanto unidade de percepção.

Por último, pusemos em destaque a apreensão do outro através de uma “apercepção experiencial”, que faz “retorno” (*Rückbeziehung*) à constituição da carne estrangeira ao meu próprio sujeito carnal e espiritual. Entre a abordagem das *Meditações cartesianas* sobre o *alter-ego*, que o apresenta como um não-Eu, e estes textos, constatámos a detalhada análise husserliana no sentido de compreender a “presença empática” da carne estrangeira como uma “apercepção experiencial”, que se constitui e se dá como verdadeiro *alter-ego*, criador de novas possibilidades na percepção de mim próprio e do outro enquanto tal.

Resumé

Le but de cet article c'est de montrer quelques-unes des figures de l'intersubjectivité chez Husserl dans quelques textes, en particulier, les textes nº 2, 3, 4, 11 et 13, qui datent de l'époque entre 1905 et 1916. Les deux axes de cette lecture s'appuient essentiellement sur les données de la primordialité et de l'analogization. A partir d'ici on s'aperçoit que la constitution intropatique devient problématique au sein de la constitution phénoménologique transcendantal, mais en même temps, que la condition de sa propre constitution rend l'expérience du phénomène perceptif en général, comme un donné à acquérir. C'est dans ce sens que l'apport de la *phantasia*, surtout dans les textes nº 11 et 13, de 1915-16, et contrairement aux textes nº 2, 3 et 4, rendent plus explicite la fonction de l'appréhension de l'autre qui n'est pas de l'ordre de la perception originaire, ni de la 'présentification', voire même, co-présentification. Elle n'est pas davantage de l'ordre de la simple imagination et de la fiction. L'apport de la *phantasia* dans la compréhension de l'autre se caractérise d'un côté, par l'appréhension prévoyante et d'en autre, par le caractère empirique, au sein même du vécu de la conscience en tant que telle et de la conscience de l'autre en tant que retour de l'autre à moi-même.

